

Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



Capítulo XI



~Em uma era há muito desaparecida, restando apenas alguns poucos registros históricos fragmentados e

Nas lembranças cada vez mais vagas dos anjos, houve um tempo em que o Eljo dificilmente era uma raça excepcional, e não suscetível a ser destruído pela luz do sol. Quando o mundo era Jovens, seus números eram tão vastos quanto a grama dos outrora extensos campos verdes do Éden; e vagavam pelos céus abertos, sem serem incomodados pela luz do dia. Contudo, assim como a Regra do Tempo marca cada estação, assim como cada amanhecer se transforma em uma cortina de estrelas, assim também Assim também, os dias outrora radiantes do Eljo desvaneceram-se na escuridão.

Infelizmente, mesmo com a ocorrência invariável de eventos calamitosos na História, os Eljo foram condenados a Aniquilação, ainda que meramente em virtude da ligação materna, ao caírem junto com sua Mãe — o Anjo abandonado e condenado, Lucifael. Isso realmente aconteceu; e o registro obscuro de tais eventos jazia disperso em esparsos tomos apócrifos, pergaminhos antigos e cilindros de argila que revelavam um breve período anterior à criação do Inferno — uma época fragmentada e inigualável dos *Vigilantes* e dos *Grigori* — os *Nefilins*, e os *Gibborim* — os *Eljo* e os *Elioud*, e todos os tipos e formas de *Gigantes* e *Grotescos*. O breve e predominante relato dessa era antiga revela apenas uma fração da memória coletiva daqueles primeiros dias em que gigantes vagavam pela Terra:

No princípio, Deus criou o vazio informe e o chamou de Caos.

Do Caos, Ele chamou os Anjos, que eram os Filhos e Filhas de Deus. Ele os viu em Sua Glória; e Ele

Sua semelhança foi chamada de Eros. Com Seus principais e mais favorecidos Anjos de Luz, Apolo e Estrela da Manhã, Ele separou as trevas da noite e do dia, dando-lhes os nomes Érebo, Nix e Hemera. E no brilho celestial do anjo Apolo, Ele fez

o dia; no brilho terreno do anjo Estrela da Manhã,

Brilho, Ele fez a noite. Então Deus moveu o anjo Hermes para convocar o capacete do anjo Gaia, e formou a terra. Do ventre de

A terra, Ele invocou o escudo do Anjo Urano e a cobriu.

a terra com o Elixir da Vida. E quando Ele semeou a terra,

por dentro e por fora, com as águas de Urano, Ele invocou a espada de

o Anjo Éter e lançou um firmamento no meio das águas,

separando os céus dos mares; incumbindo os anjos Oceano e Tétis como

Os Observadores das Águas. E assim foi.

~*~

E debaixo dos céus, o Senhor elevou uma terça parte do mundo.

Montanhas e vales, separando a terra do mar e cobrindo o mundo.

com multidões de reinos moldados por Seus Anjos Bestimedeus,

Hominedeus, Ártemis, Dionísio e Deméter — esses muitos reinos de plantas, peixes,

pássaros, animais e do Homem; Seu jardim terrestre,

bem feito. E assim como Ele separou as trevas da luz, e a terra do mar.

e o céu, então Ele separou Seus Anjos, chamando uma terceira parte deles para

Descer à Terra e servir como seu zelador.

~*~

E Deus abençoou Seus Anjos Terrestres, que eram uma terceira parte do

Anjos Celestiais, e Ele chamou esses cuidadores divinos de Grigori e

Os Observadores do Mundo. E Deus ordenou-lhes que partissem.

para o mundo dos homens e dos animais, e sejam fecundos e multipliquem-se.
eles mesmos em meio à Sua Criação. E o Senhor revelou o Seu único
exigiram, dizendo-lhes, assim: Para que eles participem de tudo o que Ele tem.
Criação, contudo, fruto e semente tanto do Homem quanto dos animais, este fruto é
estritamente proibido. E Ele concedeu domínio aos Grigori e aos Observadores.
para dominar a terra e sujeitá-la; e assim foi.

~*~

Como foi escrito, por um breve período, existiram de fato Gigantes na Terra — aqueles Anjos considerados os Vigilantes, juntamente com seus filhos Titãs e suas linhagens Grotescas subsequentes. Eles circulavam abertamente entre os Homens — e os Homens ergueram santuários e templos em sua homenagem, venerando-os como se fossem divinos. Contudo, das profundezas da Escuridão que sobreviveram aos primeiros dias da Criação, mesmo eras antes dos próprios Damons descobertos por Pandora, emergiram três Damons etéreos e incorpóreos, servindo juntos como uma tríade inseparável de desolação — e os significados divinos de seus nomes eram: *Destino*, *Perdição* e *Morte*. Como um só, esses três Damons se estabeleceram sobre o Éden como uma névoa imensurável e contaminada. Como três pragas convergentes que compunham uma única nuvem de corrupção, eles varreram a Terra e obscureceram os corações e mentes de Homens e Anjos. Nessa presença tripartida dos Damons, quase todos os Vigilantes caíram em tentação e cobiçaram a Criação de Deus. Assim como os Filhos de Deus viram a beleza despojada das filhas dos Homens, também uma Filha de Deus em particular, chamada Lucifael, a viu. Ela foi dominada e corrompida por aqueles Damons primordiais daquela névoa escura, e seus olhos selados de vaidade e luxúria se abriram para o esplendor nu e despido dos Homens. Assim, ela tomou muitos maridos dentre elas, deitou-se com eles e deu à luz cem filhos da corrupção na véspera de cada dia.

Os *Anjos Terrestres* — que eram os *Vigilantes do Mundo* — fugiram com suas Esposas e Maridos da Face do Senhor, escondendo-se sob as montanhas e selando um pacto entre si: manter em segredo seus atos perversos e reivindicar o mundo inteiro, por dentro e por fora. E desse pacto traiçoeiro — dessa miscigenação intencional e blasfema entre Anjo e Homem — emergiram seres poderosos e horrendos, que não foram intencionados por Deus nos primeiros dias de Sua Criação. Esses desígnios mortais ímpios foram os *Nefilins* e os *Gibores*, os *Titãs* e os *Ciclopes*; os *Hecatonquiros* e as *Górgonas*; *Dragões* e *Vívernes*, as *Sereias* e as *Lâmias*, *Súcubos* e *Íncubos* mortais, os *Elioud* e os *Eljo*, *Quimeras* e criaturas de muitas cabeças e muitas...

Criaturas com olhos da terra, do mar e do ar — todos os tipos de abominações profanas que, no fim, sobreviveriam à história como uma miríade de fantasmas maravilhosos em lendas e folclore. Eram todas diferentes entre si, exceto por sua existência antinatural — uma afronta conjunta ao Projeto Original e Sagrado. E todas essas abominações antinaturais eram conhecidas coletivamente como: os *Damons*. Havia muitos Gigantes naqueles primeiros Dias dos Damons. Vergonha, tristeza e o silêncio da traição finalmente se abateram sobre o Éden, extinguindo assim a Inocência da Criação de Deus .

De todos os Observadores do Mundo, a beleza insuperável de um *Observador* em particular Ela brilhava mais intensamente do que todos os Anjos — celestiais e terrenos — e os Céus e a Terra conheciam o significado de seus muitos e grandiosos nomes, como *Heylel da Luz*, *Lilith dos Jardins* e *Estrela da Manhã dos Céus*, entre inúmeros outros. Contudo, a humildade não lhe era característica, pois era um Anjo orgulhoso que proibia os homens de erguerem templos ou altares à sua semelhança, para que não diminuíssem seu esplendor autopercebido com imagens inferiores. Como fruto ilegítimo dos Anjos Érebo e Gaia, ela era, de fato, a semente de ambos. A terra e a escuridão absoluta se manifestavam, de tal forma que até mesmo a luz do dia empalidecia em Sua presença. Os filhos dos homens só podiam sussurrar o nome deste belo anjo terreno.

'*Lúcifael*', era como o Homem a chamava, invocando sua companhia em segredo e em sonhos, e Ela se aproximou dos homens para saciar o fogo do desejo que sentiam por ela, e esses homens geraram seus filhos mil e mil vezes. Essas crianças aladas eram os Eljo que vagavam pelo mundo. céus sem oposição. Em conjunto, o Eljo alçou voo aos céus como vastas nuvens de pássaros brilhantes. irrompendo em direção ao céu; e em voo, seu grande número projetava sombras errantes sobre a face de a terra. O homem contemplou os Eljo, os muitos filhos de Lucifael e sua espécie, e os achou maravilhosos. Mesmo assim, estes foram os últimos dias dos Anjos Terrestres, pois as três pragas das Trevas haviam se apoderado dos corações tanto dos Anjos quanto dos Homens. O Destino, a Perdição e a Morte exigiram uma audiência com cada um deles.

Muitos dos Vigilantes Terrestres e seus cônjuges mortais se esconderam nas profundezas das montanhas, enquanto muitos de seus descendentes grotescos e bestiais comandavam os céus e mares, levando o Trono a enviar o Anjo Rafael para testemunhar Sua preocupação. Assim, Rafael desceu do Céu como o Espírito do Homem e confrontou aqueles poucos Vigilantes incorruptos que não haviam sucumbido às tentações terrenas. Estes eram as legiões leais de: *Miguel* da Ordem, *Gabriel* da Divisão, *Azrael* do Caminho, *Saraqael* do Espírito, *Uriel*, *Remiel*, *Tadhriel* e os principais espíritos de inúmeras hierarquias sagradas. E Miguel revelou a Rafael tudo o que havia testemunhado.

Miguel esclareceu Rafael a respeito da maior parte dos Vigilantes, os filhos e filhas de Deus, que haviam tomado para si os filhos e filhas dos homens como esposas e maridos, que haviam gerado uma multidão de filhos poderosos para herdar a terra. Michael contou sobre o pacto que os Observadores corrompidos fizeram no Monte Haremél. Antes de desaparecerem nos vales de Dudael e Urh, Ele falou especialmente sobre o número deles, pois eram muitos. Miguel revelou a Rafael os nomes de seus membros, que se autodenominavam *Chefes dos Dez*. Eram as legiões traiçoeiras dos Anjos de *Semjaza*, *Ezequiel*, *Samael* da Espada, *Lucifael* da Luz, *Cérbero* e *Hidra* dos Portões, *Azazel* do Destino, *Prometeu* do Fogo, *Hermes* da Palavra, *Kisdeja*, *Machet*, *Atlas*, *Araqiel* e os milhares de *Damons Terrenos* que os serviam .

Rafael soube que os Vigilantes, que haviam abandonado a Voz de Deus e reivindicado a Terra para si, haviam assassinado dezenas de Anjos que se opunham a eles. Rafael também soube de seus muitos atos de sedução e subjugação iníquas da Humanidade. Em particular, foi-lhe relatado como Semjaza, Samael e Azazel sorteavam as filhas dos Homens, tomando muitas esposas dentre elas, enquanto Lucifael escolhia maridos entre os filhos dos Homens. Rafael também soube que a Humanidade jamais jurou lealdade aos Chefes dos Dez ou ao seu pacto blasfemo; contudo, a Humanidade não podia desafiar a vontade desses Anjos, que O tentaram e o assustaram com a ameaça de o selarem para sempre sob as montanhas.

Quando Rafael testemunhou tudo o que havia acontecido na Terra, e quando retornou ao Céu com tudo o que havia aprendido, o Senhor ordenou que a Terra fosse purificada da presença de todo o mal que havia corrompido sua face. Imediatamente, a ira do Trono caiu sobre o mundo de muitas maneiras desconcertantes, e como o Senhor havia visto que muitos Vigilantes rebeldes haviam alterado a Face da Criação, também alterou o poder, a posição e a autoridade de Seus Anjos incorruptos e restantes, de modo que eles pareciam completamente separados, embora estivessem solidamente unidos como um só, no Espírito.

O Senhor concedeu aos Seus anjos fiéis a Espada da Divisão e o Escudo da Ordem, a primeira de Gabriel e o segundo de Miguel. Concedeu-lhes também as Asas da Passagem de Azrael e o Elmo de Saraqael, tornando assim todos os Seus anjos dedicados como prontos para a guerra como qualquer outro. Por um tempo determinado por Deus, Seus honrados Filhos e Filhas de Deus tornaram-se soldados indistinguíveis e inabaláveis. E de todas essas legiões inabaláveis de Anjos convocadas perante o Trono, o Senhor chamou-as *de Caos* e deu-lhes *Ordem* , como era Sua — coletivamente, suas fileiras tornaram-se a *Ordem do Trono*.

Assim, com o Trono de Deus atrás deles, os Anjos armados se reuniram.

contra seus irmãos e irmãs terrenos.

Infelizmente, com os registros eternizados em pedra — os eventos congelados para sempre nas mais antigas tábuas e tomos do Tempo — assim começou a terrível e divina saga, marcando o início da *Guerra dos Mil Anos* e do *Grande Cisma Angélico*. A Terra sofreu. Em grande escala, seus jardins perfeitos foram varridos e esmagados sob fileiras de servidão e pecado, de humildade e orgulho, e de lealdade inabalável tanto a Deus quanto aos Anjos. Em um período de tempo que o Homem mediu em séculos de trevas rastejantes, os Anjos testemunharam um momento brilhante e decisivo. Todos os pássaros canoros do Éden silenciaram, pisoteados no esquecimento sob os gritos insuportáveis de ondas de Anjos em guerra.

Nesse período turbulento da Criação, quando a crosta terrestre se desfez sob nossos pés e nada ousava crescer ou dar frutos, exceto as ervas daninhas e as sementes da destruição angelical, o homem abandonou seu lar e fugiu para os quatro cantos do mundo. Ele enfrentou desertos, oceanos, montanhas e todos os climas inóspitos, buscando as regiões mais remotas e virgens da Terra para se salvar daqueles que tinham qualquer semelhança com um anjo. Ele se escondeu nos confins da Terra por mil anos.

O Espírito do Senhor desceu sobre a terra como a Espada da Vingança, e Ele novamente se manifestou através do Anjo Hermes. Ele convocou uma segunda testemunha que não era Rafael, nem qualquer outro Anjo nos céus ou na terra. Em vez disso, Ele convocou um escriba humilde e fiel para andar em Seu Espírito e registrar todas as coisas que Lhe fossem reveladas. Assim, por meio de Hermes, Ele chamou um mero mortal, o jovem filho de Matusalém; e os anciãos das Tribos de Matusalém chamaram este jovem escriba de 'Filho de *Matusalém*, que se movia entre os espíritos' — e o nomearam *Enoque*.

O Espírito do Senhor guiou Enoque ao topo do Monte Haremel, aquela montanha amaldiçoada onde os Chefes das Dez haviam jurado contra Deus e se feito deuses dos homens; e a Voz do Senhor ordenou que Enoque registrasse tudo em cilindros. que Ele viu. Enoque obedeceu à Palavra de Deus e manteve registros para a posteridade. No topo do Monte Haremel, nos dias de Seus registros, Enoque estava consideravelmente envelhecido pelo que testemunhara na presença do Espírito; contudo, movido pelo Espírito e pela Palavra, Ele ainda assim inscreveu aquilo que Deus Lhe permitiu ver. Seus relatos começaram com sangue — com a guerra crucial dos Vigilantes. O Espírito do Senhor deixou Enoque no topo da montanha e desceu sobre a terra como a Espada da Vingança. Milhares de legiões de Anjos se reuniram atrás da Espada, que buscava os Chefes das Dez. E a Espada os encontrou e os repreendeu, enquanto Enoque registrava tudo.

Imediatamente, a terra ribombou como um gongo atingido, profundamente ferida sob o maior confronto da história da Criação. Rios e córregos correram vermelhos de sangue; pragas e pestes se espalharam como tempestades de fogo; florestas inteiras explodiram em estilhaços; montanhas desmoronaram e vales jaziam inchados com os restos em decomposição de mil legiões. Ondas de Anjos e Titãs em conflito formavam uma avalanche de ruína. Gritos de todos os tipos, poeira agitada, rugidos trovejantes, cinzas ardentes e clamores horrendos enchiam o ar, a ponto de ensurdecer e sufocar os céus. E quando o Céu prendeu a respiração e seus Anjos desviaram o olhar envergonhado de um mundo que se agitava e gemia sob seus pés, até mesmo o Trono de Deus pareceu estar por um fio diante de uma insurreição profana. Neste dia decisivo de devastação imensurável, Anjos, homens e Titãs em número

O número de animais que morreram foi equivalente à metade de todas as estrelas acima.

A ira de Deus consumiu o zelo dos Vigilantes desafiadores, e a Palavra do Senhor se espalhou por todos os oceanos. Deus ordenou aos anjos Gaia e Érebo que reservassem as partes mais profundas da terra e as águas abaixo dela para os anjos que haviam transgredido contra Ele, e o Senhor exigiu que cada anjo desafiador sofresse o mesmo destino com que havia amedrontado o Homem — ser selado para sempre sob as montanhas. Assim, aconteceu que, na primeira luz daquele dia do julgamento divino, Deus anunciou a aurora da danação — o Inferno nasceu.

A Lâmina do Senhor amaldiçoou e condenou os Anjos rebeldes que não morreram pela Espada, e Ele os amaldiçoou igualmente. Em lugar de sua antiga beleza, uma feiura bestial tomou conta de seus traços, por dentro e por fora, tornando-os abominações aos olhos de Deus.

O Senhor os lançou no ventre da terra e em um reino de trevas e terrores inimagináveis, como o que fora reservado por Gaia e Érebo. E chamou a este reino para o qual os banii de Terra do Tártaro, o Reino de Hades, do Esquecimento, da Morte, da Perdição e do Inferno. Em seguida, colocou um Grande Selo sobre este reino e seus Vigilantes caídos, para durar até que chegasse o tempo em que esses Anjos iníquos e blasfemos comparecessem em julgamento perante o Trono. Este Grande Selo era composto por três Pedras de Entrada talhadas pela Espada do Senhor. Essas Pedras de Entrada moviam-se como um trio preciso, porém inexplicável, de peças interligadas que, juntas, separavam materialmente o submundo e o Grande Abismo dos Vigilantes das regiões superiores do Homem — e do Céu.

E mesmo quando os filhos e filhas do homem lançam culpa sobre os filhos e filhas de Deus, o Senhor, não ignorou os pecados do homem e sua íntima relação com os anjos.

Por Sua transgressão—Sua fornicção com as legiões dos Chefes dos Dez e Seus

Por ter participado voluntariamente em manter em segredo tais más ações, o Senhor colocou quatro selos permanentes de punição em sua cabeça, coração, corpo e olhos. Em sua cabeça, Ele colocou a penalidade do conhecimento, de modo que Ele se tornou sábio o suficiente para compreender a vergonha de sua natureza insensata. Em Seu coração, Ele colocou os reflexos da inquietação, de modo que Sua alma se contorceu e sofreu com cada tentação que lhe foi apresentada. Em Seu corpo, Ele colocou os fardos e as dores do nascimento e da morte, de modo que Ele viveu por pouco tempo antes de entregar Sua carne ao pó da terra. Em Seus olhos, Ele colocou a Luz do Mundo, de modo que eles se tornaram cegos para a Face de Deus e Seus Anjos Celestiais. E mesmo quando o Homem caiu de joelhos, envergonhado e em oração, Deus o criou à sua im

Foi somente pela Graça que a Ira do Senhor não devorou o Homem tão completamente quanto os Vigilantes traidores; contudo, Deus permitiu ao Homem o espaço de Seus dias para herdar o mesmo destino condenável, se assim o desejasse. Em Sua vida abreviada de redenção prometida, o Céu não era mais uma dádiva, mas um paraíso conquistado em Seu perdão dos pecados. E por cada ação, intenção ou palavra Sua, Ele seria o único senhor de Seu destino. Ele faria Sua própria escolha: passar Sua eternidade no Reino dos Céus, da Ordem e da Salvação, ou abraçar o Reino do Tártaro, do Caos e da Condenação. Como prova de que Deus frequentemente agia de maneiras imensuráveis e misteriosas, Ele não separou completamente o Homem dos Anjos — talvez Sua Ira anterior não tenha superado Seu Amor inabalável por Seus próprios filhos e filhas e pelos filhos e filhas da Humanidade. Ele permitiu a cada um a companhia contínua do outro, ainda que apenas em mente e espírito.

O homem continuou a erguer templos sagrados em honra desses anjos caídos, invocando regularmente seus espíritos em busca de conselhos, oferendas e auxílio. E embora esses anjos exilados tivessem sido banidos para o vasto submundo do Tártaro e do Hades, eternamente ressentidos com Deus e Seus anjos celestiais, muitas vezes apareciam diante do homem com a aparência de sua antiga e familiar beleza, iluminando-o com as muitas verdades nuas da Criação — da astrologia, do fogo, dos metais, das nuvens, dos encantamentos, das pedras, das feras, dos rios e oceanos, e até mesmo segredos outrora zelosamente guardados pelo Céu.

Contudo, uma Observadora caída em particular, amargurada pela perda de sua beleza e pela antiga liberdade de devassidão e decadência, suportou uma era de profunda escuridão e absoluto isolamento; escondendo sua feiura nos confins do Tártaro e se enterrando nas regiões mais desoladas, onde a terra retorcida crescia estritamente como bosques de formas negras e distorcidas, e onde suas águas fervilhavam como poças de lama e lodo respirável. Ao longo dos éons de seu exílio autoimposto, até mesmo os Anjos mais perspicazes do Hades haviam esquecido os nomes outrora notórios de Heylel e Estrela da Manhã. Na escolh

Isolada e em decadência, ela empalideceu e seu coração se tornou cada vez mais indignado com a traição do Homem. E sob tamanha lama de ressentimento, sua incessante melancolia se transformou em uma obsessão insaciável de corromper a própria essência do Homem, para que ele abandonasse Deus e o Céu e, por fim, compartilhasse o mesmo destino amaldiçoado que o dela. Na escuridão de seus confins eternos, ela se degenerou no próprio Diabo, e este *Anjo da Luz* corrompido e caído tornou-se uma *Rainha Íncubo assombrosa e voraz* — um espírito sensual e sempre à espreita que se infiltrava nos sonhos sagrados dos mortais, alimentando-se de suas próprias almas.

Após o Grande Dilúvio, com a carne e as formas corporais dos Anjos sumariamente banidas da face da Terra, apenas sucessivas gerações do Homem sobreviveram como os únicos e mortais guardiões das feras, das aves e dos campos. As estações se agitavam como moscas inquietas — montanhas e vales subiam e desciam; e rios corriam e transbordavam ao longo dos séculos de Seu mundo sempre agitado, até que — numa manhã tranquila, enquanto lavrava Seus jardins, o Homem encontrou um selo enterrado no coração da Ásia. Considerando a pesada inscrição como sendo de origem divina, Ele removeu a crosta do Tempo e a guardou, construindo um templo sobre ela. Por mais de meio milênio, Ele acalentou o artefato gravado, venerando-o abertamente como um bezerro de ouro e protegendo-o secretamente com a mesma atenção nervosa que um ladrão protegeria um tesouro roubado. Ele moldou sua vida em torno disso — até o preço daquele dia fatídico em que o Homem se tornou sábio o suficiente para abrir o portão e tolo o suficiente para ousar tal execução.

Reims, França ~ Château de Blasi ~ abril de 1348

“Você não é mais um menino; você é um jovem. Agora pare de brincar com isso e olhe para cima!” Blasi finalmente tirou um pequeno cavalo branco das mãos ocupadas do menino e guardou a estatueta de porcelana no bolso da própria roupa antes de esporear o garoto em direção a um alto portão de madeira. “Agora, abra-o. Ela não vai te machucar por isso.”

“Vai sair, não é?” perguntou o menino, nervoso.

“Ela virá — apenas para saber qual é o seu lugar. Agora, tome as rédeas da situação.” Blasi bateu com a bengala na bunda do menino, incentivando-o a seguir em frente.

“Mas eu não posso.” O menino gemeu, dando um passo para trás, ficando a uma distância segura da vara .

Blasi bufou. “E o que te impede?”

“Vai sair voando pelos portões, tio François! Eu sei. Vai sim!”

Blasi suspirou. Ele brandiu a bengala à sua frente, fincou-a no chão e depois a segurou com as mãos em concha. Ele tinha as duas mãos sobre o cabo dourado. Inclinou-se para a frente e olhou nos olhos da criança inquieta. Uma brisa suave soprava pelo estábulo, agitando a camisa grande de Blasi.

como uma cortina que se desenrolava. Suas calças largas pendiam abaixo dos quadris e eram curtas na altura do joelho. para expor bandagens semelhantes às de uma múmia, que se enrolavam firmemente em suas coxas e desciam em espiral até os pés. Manchas aleatórias pontilhavam as bandagens — manchas carmesim onde Feridas persistentes supuravam. Blasi estreitou o olhar, articulando suas palavras. "Neste exato momento, quero que você me diga como se sente, Michael."

O menino baixou o olhar e recuou. "Com medo", confessou.

"E como você deduz que ela se sente?"

"Talvez esteja zangada", sugeriu o menino. "Ela é má, a criatura mais má do mundo inteiro!"

"Bobagem", cuspiu o Cardeal. "Ela apenas finge ser má. Na verdade, está confinada e com medo. É a única maneira que ela conhece de expressar seu medo: fingindo ser assustadora."

O menino ergueu a cabeça bruscamente, com a sobrancelha arqueada e um novo brilho nos olhos. "Com medo? De meu?"

"Claro que sim! Mas, se você continuar com tanto medo dela quanto ela de você, como você vai...

"Espera montá-la?" O menino se virou e examinou as tábuas desgastadas e corroídas da porta do estábulo, imaginando o poder silencioso e paciente que aguardava para ser libertado.

Blasi continuou. "Você precisa mostrar a ela que não tem medo. Só então ela deixará de ter medo de você." Blasi apontou sua bengala para o menino. "Michael, você precisa dar o primeiro passo."

Assuma o controle dela e faça-a sentir-se parte de você — inseparável como um cavalo de seu cavaleiro. Só então ela conhecerá o seu lugar. Entendeu?

Michael deixou os ombros caírem e reclamou: "Mas e se ele pisar em mim porque está com medo?"

"Isso não vai acontecer", rosou Blasi. "Venha!" Ele mancava em direção à barraca.

O menino permaneceu firme, protestando: "Mas tio François!"

"Mas nada! Agora, venha!" O menino obedeceu, emburrado, enquanto Blasi pregava. "Você me disse que eu mesmo o havia instruído."

Você já desejou cavalgar como o vento, não é? Bem, este é um corcel especial — um espírito forte. E você deseja cavalgá-lo como seu pai, não é? Como um cavaleiro? E cavalgar contra os ingleses?

"Mas não naquele cavalo! Mamãe disse que tem alguma coisa errada com ele — que ele tem um Olhado selvagem e maligno."

Blasi deu meia-volta. "Maldade? Michael, não há nada de errado com ela. Sua mãe é apenas excessivamente sensível em assuntos como mães costumam ser. Venha." Ele continuou em direção ao fundo do estábulo e se aproximou de uma pilha de feno espalhada pelo chão de terra. O menino o seguiu com hesitação ocasional. "Além disso, não há nada de tão terrivelmente errado com ela que domar seu espírito não possa curar. Ela lhe será útil — se você dominar sua ansiedade descontrolada no momento. Vocês dois precisam primeiro se conhecer." Blasi parou diante da última baia e bateu com a bengala.

contra o trinco da porta esfarrapada da baia. “Agora, abra o portão e conduza-a para fora como qualquer bom cavaleiro conduziria um corcel digno.”

Michael avançou sorratamente, destrancou a fechadura e recuou apressadamente para o lado do tio. A porta A baia rangeu ao abrir e gradualmente se alargou, revelando o rosto de uma enorme égua negra com cabeça erguida, orelhas viradas e olhos tão brancos quanto os do menino. A besta bufou e bateu o casco no chão enquanto circulava dentro da baia. Arrastou um casco na poeira e avançou. “Não!” Blasi bloqueou a fuga, brandindo a bengala. “Calma! Calma!” A égua relinchou, balançando a cabeça em agitação enquanto recuava para o fundo da baia.

O Cardeal sorriu, seu olhar severo fixo nos olhos do cavalo, que parecia estar... Hipnotizado pelo olhar do velho, ele sussurrou: "Sim, você deve", enquanto abaixava a bengala. De repente, o tom de sua voz tornou-se quase infantil e assustador ao mesmo tempo.

“Está vendo? Primeiro você precisa deixar claro para ela que você é o mestre dela.” Um sorriso irônico surgiu em seu rosto.

“Ela é excepcional — como o vento, de fato.” Um momento se passou antes que o padre pigarreasse e se recompusesse. “Agora, Michael, quero que você—” Ele desviou o olhar do cavalo para encontrar Michael parado a uma distância considerável, abraçado a um poste do estábulo, olhando fixamente para além dele. Blasi se virou.

“Michael! Volte para perto de mim agora mesmo! Ela não vai—Umph!” Blasi foi arremessado para longe, caindo de cabeça num monte de feno enquanto o cavalo passava por ele em disparada. Livre de suas amarras, a besta saiu trovejando do estábulo e galopou pelo campo. Blasi gemeu e ficou imóvel, com a camisa larga agora sobre a cabeça.

Ele só conseguia ouvir risadas estridentes enquanto Michael conseguia dizer: "Eu te disse, tio François! Sempre acontece isso quando você abre o portão!"

"Chega, Michael!" Atordoado, mas ileso, Blasi endireitou-se e tirou a camisa pela cabeça. Repreendeu Michael enquanto se endireitava e tirava palha de sua boca. cabelo. “Se você não tivesse fugido, isso talvez não tivesse acontecido.” Ele olhou em volta. “Onde está minha bengala?”

O menino correu até ele, rindo baixinho. Ele pegou a bengala do palheiro e Deu para Blasi. Com um gesto rápido em direção ao poste do estábulo, ele ofereceu uma lógica infantil. “Você devia ter se escondido atrás da viga, tio François.”

“Não, Michael. Se eu não estivesse te observando e tivesse que dar as costas para ela—” Blasi apoiou a bengala ao lado do corpo e se inclinou para a frente, soltando um gemido ao tentar se levantar. Depois suspirou e se deixou cair de volta no feno. “Vá buscar sua mãe, filho.”

Em vez disso, o menino deu uma risadinha e mergulhou no feno ao lado de Blasi. "Eu sei por que ela está sempre brava." Blasi simplesmente franziu os lábios e encarou o teto do estábulo. O menino rastejou pelo feno como um tigre à espreita, aproximando-se do ouvido de Blasi antes de se sentar e sussurrar um segredo com as mãos em concha. "Porque ela tem o Diabo dentro dela!"

Blasi estreitou os olhos para Michael. "Palavras vazias; não diga mais nada!"

O menino inclinou a cabeça. "Por quê?"
"O diabo só prejudica os homens, não os animais."

Michael rolou para o lado e abriu um buraco no feno, revelando o chão de terra batida do estável. Ele enfiou o rosto na toca e falou, as palavras abafadas dentro da cavidade enquanto questionava Blasi. "Se eu fosse um animal, então o Diabo não poderia me machucar?"
"Você não é um animal. Você é um menino. E o Diabo coloca na cabeça dos meninos a ideia de que eles podem ser animais."

Michael enfiou a mão mais fundo no buraco e arranhou a terra antes de puxar um punhado de poeira de dentro da cavidade. Jogou-o por cima do ombro, bateu a poeira das palmas das mãos e cheirou os dedos. "Eu sei onde o Diabo está, tio François." O menino apontou para dentro da cavidade que havia feito. "Ele está lá embaixo... naquele lugar que eu não posso dizer."

"Não diga essa palavra", respondeu Blasi, acomodando-se ainda mais no feno, levando as mãos atrás da cabeça e entrelaçando os dedos enquanto continuava a encarar o teto. " Sim . E ele está preso lá embaixo porque Deus o puniu por ser mau. Assim como você é punido quando se comporta mal, o Diabo foi punido por espalhar o mal entre os homens."

O menino ponderou a analogia bastante elementar de Blasi antes de questioná-lo. "Mas tio François, se o *pestinense* é maligno, como o diabo saiu para criá-lo? " Acontece? E por que Deus permite isso?"
Blasi deu uma risadinha. "Chama-se *pestilência*, Michael—Pestilência. E o Diabo não pode..."
"Saia do confinamento dele."

"Então, como ele conseguiu que isso acontecesse?"

"Falaremos sobre isso quando você for mais velho, quando souber o suficiente para discutir tais assuntos."

O menino se aproximou dele, arrastando os pés. "Mas eu sou mais velho, tio François! Pode me contar."
Blasi sentou-se e deu um tapinha no braço do menino . "Por ora, saiba que você deve amar a Deus com todo o seu coração. Você ama a Deus, não é?"

"Eu amo a Deus e odeio o Diabo!", disse Michael. "E sei que Deus faz coisas boas e o Diabo faz coisas ruins, que Deus é bom e o Diabo é mau. Veja, agora eu sou maior!"

"Sim, você *crece* assim mesmo — o *bem* é *Deus* e o *mal* é o *Diabo*. Portanto, *faça* somente o bem." Blasi acariciou a cabeça de Michael e sorriu. "Seu pai estaria orgulhoso de você."

O menino avançou lentamente de joelhos, arrancou um longo pedaço de palha do palheiro e o girou entre os dedos. "Tio François, você pode me ensinar a rezar?"

O cardeal olhou para ele, incrédulo. "Você já sabe rezar."

"Não, eu quero dizer, como você reza — com muita força — usando aquelas outras palavras que eu não entendo? Você pode me ensinar?"

Blasi riu da referência ingênua de Michael à oração em latim. "Bem, eu poderia. Você deseja ser um cavaleiro e um padre?"

"Se eu orasse com aquelas outras palavras, Deus realmente mataria o Diabo." Blasi viu um brilho nos olhos cada vez mais arregalados da criança enquanto continuava. "Ou talvez você possa pedir a Deus para matá-lo, porque você já sabe as palavras! Você poderia orar para que isso aconteça?"

Blasi balançou a cabeça e cerrou os dentes. "A oração não funciona assim, Michael. Talvez quando você for mais velho—"

O menino jogou o canudo no chão e começou a cutucar os dedos. Blasi voltou sua atenção para as pernas, dando tapinhas nas manchas de sangue nas bandagens. Blasi sentiu o menino puxar a manga de sua camisa.

"Tio François?"

"Sim?"

"Por que Deus permitiu que o Diabo matasse meu pai, meu tio Jacques e todos os outros?"

"Aquilo foi uma batalha, Michael, homens matando homens. Mas posso lhe contar um segredo, se quiser ouvi-lo", ofereceu ele.

"Diga-me! O que é isso?"

Blasi colocou a mão no ombro do menino. "Rezei pelo seu pai e pelo tio Jacques — e usei aquelas *outras* palavras. E sabe o que Deus me disse?"

"O que?"

"Ele me disse que eles estão no Céu agora. Seu Pai está sorrindo para você neste exato momento, esperando que você se junte a Ele quando chegar a sua hora."

"Você quer dizer, quando eu morrer?"

Blasi suspirou. "Sim, então."

Michael bufou e se afastou. "Mas eu não quero morrer. Eles te jogam na terra com os insetos e aí seus ossos caem. Uma vez eu desenterrei um pássaro que tinha enterrado, e tudo o que restou foram os ossos, nem penas nem carne."

O Cardeal balançou a cabeça. "No entanto, nossas almas não estarão na sepultura, Michael. Nossos corpos... morreremos — nossas almas seguem para o Céu. Então, veja bem, nós nunca morreremos de verdade. Apenas parece que sim porque somos carne, além de nossa alma imortal, e muitas vezes não conseguimos enxergar além da carne, que exerce um forte domínio sobre nós.

"Mas tio François, como podemos saber se nossa alma é real se não podemos vê-la?"

"Não precisamos ver isso, Michael. Deus já nos disse. Ele nos ama e quer que nós..."

"Estar com Ele."

O menino parou por alguns instantes, como se estivesse pensando. "Você me ensinará as outras palavras para que eu possa falar com Deus?"

"Você fala com Deus toda vez que ora. Você não precisa de outras palavras."

O menino balançou a cabeça, respondendo com firmeza: "Mas eu falo, para que Ele fale comigo como fala com você! Ele nunca fala comigo, mas aí eu sempre acabo dormindo."

Blasi deu uma risadinha e deu um tapinha no peito do menino. "Ele fala com você no seu coração. Você precisa ouvi-Lo de dentro."

Michael levou a mão ao peito para sentir as batidas do coração. Em seguida, olhou para cima e inspecionou o telhado do estábulo. Por fim, baixou a mão, olhou para o buraco no palheiro e voltou-se para Blasi. "Tio François, o Diabo pode nos machucar se estivermos no Céu?"

Blasi deu uma gargalhada. "Claro que não!"

"Então eu quero ir para o Céu e ver meu pai e o tio Jacques novamente. Posso?"

Blasi acariciou a cabeça do menino e sorriu. "Você deseja ir para o Céu?"

O menino sorriu e pulou de pé com punhados de feno nos braços. "Vou ser um anjo e ter asas para voar muito, muito rápido, assim o diabo não vai me pegar!" Ele se afastou do monte de feno e girou em círculos em torno do poste do estábulo, fingindo voar. enquanto espalhava palha atrás de si. "Assim, tio François! Viu como sou rápido?" Ele correu em círculos, girando até ficar tonto. Depois de alguns instantes, Michael cambaleou e caiu no chão. Com um olhar de bêbado e um sorriso, perguntou: "Eu estava voando rápido, não estava? Como o vento?"

"Sim, você era, Michael", assegurou Blasi. "Tão rápido quanto o vento, ou até mais. Agora vá buscar sua mãe para mim."

Em vez disso, o menino desviou o olhar para o chão do estábulo e juntou poeira com um ancinho. Ele encarou o monte de terra e seu sorriso desapareceu. Então, desajeitadamente, levantou-se e perguntou a Blasi: "Deus vai deixar os ingleses irem para o Céu?". Blasi procurou as palavras certas na terra e Michael continuou: "Porque, se os ingleses forem para lá, então eu também vou". para expulsá-los — eles mataram meu pai e meu tio Jacques, então não podem ficar conosco." Ele chutou o monte de poeira pelo chão do estábulo. Blasi percebeu nas palavras do menino a mesma raiva inabalável que frequentemente ouvia em seu próprio coração atormentado. O menino pisoteou o chão onde o monte de poeira estivera. "E então o D Vou esmagá-los como insetos — até que seus ossos se desprendam!"

"Michael! Chega!" Blasi cuspiu as palavras. "Deus não vai ouvir essas palavras!" A criança olhou para Blasi como se quisesse descobrir de repente onde ele estava. Blasi percebeu que os olhos de Michael estavam marejados e O Cardeal baixou o queixo com um suspiro enquanto refletia sobre o ódio maligno em seu próprio peito. Blasi chamou a criança. "Venha." O menino mergulhou nos braços de Blasi. Eles se abraçaram em silêncio, compartilhando uma dor silenciosa e persistente que nenhuma palavra, oração ou... A promessa poderia expressar ou aliviar adequadamente.

Por fim, Blasi falou, tentando consolar o menino. “Você ainda tem sua mãe e a mim. E você dará continuidade ao nome Blasi e confortará sua mãe com muitos filhos tão maravilhosos quanto você. E sim, eu lhe ensinarei as outras palavras, se você realmente quiser aprendê-las.”

"Eu te amo, tio François", murmurou Michael, com a voz abafada no pescoço de Blasi.

"Como eu te amo", respondeu Blasi, acariciando a cabeça de Michael. "Você é o filho que eu nunca serei.

"Tem." Ele suspirou, afastou o menino gentilmente e colocou um pequeno cavalo de porcelana em sua mão. "Agora, seja um bom rapaz e chame sua mãe para mim. Já está tarde." O menino fungou, endireitou-se e sorriu. "Sim, tio François." Então Michael limpou o nariz na manga e saiu correndo do estábulo. Blasi caiu para trás no feno e gemeu enquanto esfregava o rosto.

O cardeal olhou para a entrada dos estábulos, ouvindo o arrastar de passos leves e apressados que se aproximavam. Endireitou-se ao ver uma mulher magra de meia-idade entrar apressadamente no recinto — *Alsae de Blasi*, viúva de *Renée de Blasi*.

"François!" ela chamou, procurando pelos estábulos enquanto enxugava as mãos no avental.

"Aqui está", resmungou Blasi, acenando com a mão.

Ela saiu correndo. "Meu Deus, o que está acontecendo aqui? Você está ferido?"

"Apenas os caídos", declarou Blasi, estendendo a mão. "E se me permitirem a dignidade." de pé—"

Ela o puxou para que se levantasse, enquanto reclamava: "Viu o que aconteceu? Você não pode ficar andando por aí. Cuidado com as bandagens! Estão sujas e os ferimentos estão sangrando de novo — ainda mais do que antes." Blasi apenas sorriu e se apoiou na bengala. Ele achava *Alsae* atraente, mas especialmente bonita quando irritada.

"Você devia estar descansando! Por que está aqui?", questionou *Alsae*. "E Michael também estava aqui?"

Blasi respondeu com um aceno de cabeça na direção do portão aberto do estábulo. "Ela escapou — de novo."

Alsae olhou para a barraca vazia com a porta entreaberta e balançou a cabeça em sinal de desgosto. "Seria melhor para nós se ela estivesse perdida para sempre. Imagino que ela finalmente tenha te atropelado. Diga-me, com essa cara de pau, por que você a mantém aqui? Se disser que é por causa do Michael, eu não vou tolerar!" Ela apontou o dedo indicador para a barraca. "Não quero o Michael perto daquilo... daquilo! É diferente de tudo que já vi."

"Na verdade, é muito superior", defendeu Blasi o cavalo.

— Ah, é? — Ela inclinou a cabeça. — Então por que o ferreiro estava tão ansioso para trocar este pelo outro? Ele negocia cavalos há anos, eu lhe digo. Por que um homem que conhece tão bem esses animais, que é tão experiente em seu ofício, estaria tão ansioso para se prejudicar?

Blasi suspirou. "Como eu te disse, Alsa, havia algo de errado com o quadril dele — não era adequado nem para puxar uma carroça por muito tempo. Talvez o ferreiro tivesse outro comprador em potencial para o outro cavalo, alguém que quisesse pagar bem — podemos especular indefinidamente."

Alsa soltou uma risada sarcástica. "Especular?" Novamente, ela riu antes de recuperar a compostura, apoiando as mãos nos quadris e virando-se para observar o pôr do sol.

"A propósito, devo informar que hoje, ao voltar da padaria, tive o privilégio de conversar com um clérigo bastante notável de Avignon. Ele se comportou de maneira adequada — até mesmo amigável — e estava bem informado sobre os acontecimentos dentro do Palácio Papal." Blasi se apoiou na bengala, cerrou os dentes e olhou ao redor dos estábulos.

"Ele até sabe quem você é", acrescentou ela.

Antes que ela se virasse completamente, Blasi agarrou o braço dela. "Quem é esse clérigo e o que você lhe disse?"

"Você está me machucando! Solte a sua mão!" Alsa puxou o braço para longe dele e ajeitou a blusa.

"Perdoe-me", respondeu Blasi. "Eu apenas queria—"

Alsa bufou e virou-se para longe dele. Cruzou os braços e olhou para o crepúsculo que começava a despontar, lançando um brilho incomum sobre a terra naquele dia, como se o céu agora se movesse com a aproximação de uma aurora. "Trocamos apenas algumas palavras", disse ela.

Ela admitiu isso antes de se virar e examiná-lo. Seus olhos pousaram em suas pernas enfaixadas. "No entanto, eu o questionei sobre o incêndio na cozinha do palácio e ele não se lembrava de um momento como o que você descreveu." Ela o encarou nos olhos.

Blasi franziu os lábios e revirou os olhos. "E se eu lhe dissesse que não me lembro de ter sido queimado, isso faria com que meus ferimentos desaparecessem? Ora, Alsa, a dúvida ou a falta de confirmação de um homem não implica a culpa de outro."

"Você é o Cardeal", afirmou Alsa friamente. "Deveria saber melhor sobre as implicações disso aos olhos de Deus, não é?"

Blasi lançou-lhe um olhar severo. "De fato, eu deveria. E eu já lhe disse que não quero que fale sobre o meu paradeiro até que eu me recupere."

Alsa sorriu e deu de ombros. "E não, como você perguntou."

"Esplêndido", disse Blasi secamente. "Vamos nos retirar daqui?" Ele mancava em direção ao A entrada era estável, mas Alsa o deteve pelo braço após apenas alguns passos.

"François, há algo que preciso saber sem qualquer dúvida."

"O que é?"

"Como homem de Deus — um cardeal, inclusive — e único tio vivo do meu filho, eu deveria esperar que você me dissesse a verdade."

Blasi suspirou, apoiou-se na bengala e olhou para os buracos em seus sapatos.

antes de olhar nos olhos dela. "O que foi?"

"Onde exatamente você disse que adquiriu esse outro cavalo?" , perguntou ela, com a voz em tom de desafio.

"Eu já te disse – lá dos estábulos do palácio. Será que precisamos ficar refletindo sobre a mesma questão durante toda a nossa vida na Terra?"

Alsaie cerrou os lábios e assentiu com firmeza. "Precisamos." Ela desviou o olhar antes de fechar os braços. Ela cruzou as mãos, endireitou os ombros e o encarou nos olhos. Forçou um sorriso. "Falei com o ferreiro há alguns dias e ele riu de mim. Disse que não havia nada de errado com o quadril do cavalo e também me disse: 'não era um cavalo qualquer,

pois possuía marcas inegáveis — as da Guarda Real de Sua Majestade . Pergunto-te agora, François: como pode ser isso?"

"Guarda Real?" perguntou Blasi, incrédulo. "Consegui o cavalo nos estábulos papais."

"Era propriedade da Santa Sé." Seus olhares se cruzaram e um olhar intenso surgiu entre Blasi e Alsaie, como se cada um tentasse enxergar através do outro. Alsaie foi o primeiro a desviar o olhar.

"Concluí que talvez o ferreiro estivesse enganado", disse ela. "No entanto, ele me contou como ordenou ao cavalo que recuasse no mesmo lugar, que investisse e flanqueasse, e que se deitasse de lado e ficasse imóvel como se estivesse morto. De que outra forma um cavalo poderia obedecer a tais ordens se não fosse treinado para a batalha? E por que um cavalo da Santa Sé seria tão experiente?"

Blasi deu de ombros. "É possível que este exemplar tenha vindo originalmente de um arsenal de combate antes de cair nas mãos da Sé. Poderíamos ficar refletindo sobre o assunto para sempre, sem chegar a uma conclusão." "Talvez", respondeu Alsaie, sem estar nem um pouco convencida.

Ao saírem dos estábulos, Alsaie olhou para a mata ao longe. "Muito bem. Procuraremos seu cavalo ao amanhecer. Ele não irá muito longe." Ela aconchegou o braço livre de Blasi e o ajudou a caminhar em direção à casa.

"É uma boa égua", comentou Blasi. "Dê a ela tempo suficiente para se acostumar."

"Seu apetite voltou?" , perguntou Alsaie, parecendo agora cansada do assunto.

"Estou faminto" , admitiu Blasi.

"É isso que eu quero ouvir. Seu prato estará cheio e sua taça transbordará, e há até pão fresco. Você deve descansar depois do jantar. Precisamos trocar suas bandagens e fazer de você um cardeal respeitável novamente." Ela deu um tapinha na mão dele e riu baixinho. "Talvez você possa se tornar o próprio Papa. E como Michael deve se dirigir a você então?" perguntou ela, rindo. "Como: Sua Santidade?" Blasi sorriu fracamente e balançou a cabeça.

Caminharam lentamente em direção ao castelo e, no silêncio que se seguiu, ouviram o uivo incessante de um cão distante. Além deles, o crepúsculo se estendia pela paisagem, e através

Entre as nuvens finas e densas, apenas as estrelas mais brilhantes se mostravam. O resto era varrido por uma mancha cinzenta que riscava o céu. O uivo continuava, o chamado assombroso e o gemido sinistro, sugerindo que algo estava muito errado, que talvez uma coisa grande e terrível pairasse no horizonte, avançando firmemente como asas ao vento.

~*~

Mesmo enquanto Blasi se isolava na cidade de Reims, a remota Abadia de Gardiens podia parecer um campo de batalha abandonado, palco de um massacre enigmático, sua paisagem repleta de restos mortais desmembrados e misturados de soldados, monges, escudeiros e cavalos. Desde aquela noite horrenda, quando Blasi conseguiu abrir a segunda Pedra do Portal, centenas de homens jaziam dilacerados e espalhados, seus pedaços depositados onde as estátuas voadoras da igreja da Abadia os haviam libertado pela última vez. Os restos espalhados jaziam tão completamente exposta aos elementos, a encosta da Abadia era agora um cemitério invertido, um flagrante insulto a toda a Humanidade.

Os montes de lama do Capitão Bourne já haviam se erodido há muito tempo das rachaduras externas da catedral, permitindo ventilação adequada para a abominação cáustica que ele tentara conter. Dentro da igreja e sob o altar, os gemidos e gritos da coluna giratória continuavam, sem serem contidos por uma pedra angular de seis toneladas que exalava uma nuvem de morte. A névoa era um nevoeiro noturno recorrente, comportando-se mais como uma nuvem noturna previsível e etérea. Mais do que uma névoa vespertina que se dissipava, era um organismo. Ao entardecer, ela escapava da catedral e se estendia pela encosta como um tapete ondulante de escuridão tão intensa que engolia todo brilho e fulgor de luz de cada superfície de água e pedra. A névoa permanecia drapeada sobre o solo até a luz da aurora, quando invariavelmente deixava um rastro de terra queimada. Sempre, a cortina mortal se retraía pela encosta e se refugiou na catedral para aguardar o próximo sinal do crepúsculo. A névoa era quase irreconhecível como algo além da transição da noite, mas, como uma praga persistente, cobria mais terreno a cada noite que passava, sufocando gradualmente a paisagem rural francesa. Em seu rastro, ervas daninhas e arbustos secaram e árvores inteiras caíram nuas, lagoas e riachos apodreceram, e tudo o que vivia — homens a cães, De ratos a pulgas, entregou seu ventre à presença incessante. No geral, o vapor em chamas parecia servir como uma linha de defesa diabólica, oferecendo um fosso em constante expansão de morte para proteger a Pedra do Portal aberta.

Mas havia mais do que uma névoa reservada para qualquer viajante desavisado. Quando a Abadia

O horizonte ocidental sufocou os últimos raios de sol e a espiral cáustica da catedral se estendeu pelo chão da floresta. As partes superiores do telhado da catedral ganharam vida com um crescendo de caos que irrompeu nos céus como uma cacofonia de corvos. Uma coluna espiralada de estátuas de granito se elevava em direção às estrelas, e essa abominação aérea se reuniu em muitos bandos errantes que percorriam o campo como bandos de demônios alados em a caçada, consumindo qualquer criatura viva que encontrassem. Como a névoa fatal, cobriam novo terreno a cada noite, voando cada vez mais perto de aldeias habitadas e representando uma ameaça crescente para as cidades vizinhas de *Murat*, *Vic-sur-Cere* e *Saint-Flour*.

Essas criaturas do ar não eram verdadeiramente Grotescas, pois a carne da Grotesca que cada uma delas representava havia morrido há muito tempo devido à exposição à luz solar. As estátuas eram meramente formas de granito de suas versões vivas, agora habitadas por Damons Primordiais: espíritos que escaparam da Pedra Portal aberta — Damons etéreos e incorpóreos que em nada se assemelhavam à verdadeira natureza dos Eljo. As formas rochosas não eram mais do que pedras possuídas e a personificação de Demônios que foram lançados no Inferno nos primeiros dias de sua criação. Os Eljo que outrora possuíam esses corpos já haviam sido solidificados pelo sol. E somente Damons os possuem agora, movendo-se como um só sob a lua enquanto espalham terror por uma extensão cada vez maior de terras sombrias.

Mesmo com um número crescente de aldeões tomando conhecimento da névoa cáustica rastejante e de suas infames estátuas voadoras, e tendo meios de fugir dessas monstruosidades crescentes, poucos escaparam dos desígnios onipotentes e mortais do inferno. A Grande Pestilência era como um dragão que emergiu do Mar Negro, com três cabeças distendidas e três nomes: *Bubônia*, *Pneumonia* e *Septicemia*. O monstro de três cabeças cavalgava o rato preto e seria chamado pelos franceses de Peste Negra, e o Inferno o seguiu. Era uma poção diabólica, sem dúvida. Mesmo com sessenta e seis por cento da Ásia sob o fedor fétido da morte, o apetite de Lucifael pela alma do Homem estava apenas parcialmente saciado. Ela o queria por inteiro consigo, aprisionado para sempre. Assim, em 1347, nos últimos dias de outubro e sob uma grande lua cheia, a Peste Negra desceu pelos cabos da Santa Godeberta, pelas amarras do navio e atingiu toda a Europa. Em poucos dias, a poção letal de Lucifael sufocou o movimentado porto de Messina e se espalhou pelo interior como uma brisa marítima venenosa.

Após inundar a cidade de Messina, a peste avançou oitenta quilômetros ao sul até a cidade de Catânia. Imediatamente, seus habitantes perceberam que uma epidemia estava em curso e isolaram a cidade; contudo, à medida que se espalhava rapidamente, essa contra-medida chegou tarde demais. Catânia explodiu como uma bolha madura, produzindo incontáveis cestos de maçãs negras sob axilas febris. E enquanto a cidade de Catânia sucumbia à propagação

A pestilência também consumiu a cidade de Veneza, produzindo seiscentos cadáveres por dia. À medida que os médicos venezianos se expunham aos crescentes doentes, oito em cada dez deles desenvolveram maças envenenadas e também morreram. Uma bruxa perversa era Lucifael — ao todo, dois terços de Veneza morreram e seus cadáveres apodreceram ao sol.

Bubônia, pneumonia e septicemia reinavam enquanto Lucifael continuava sua colheita de maças negras. Ela lançou seu tridente de três pontas e empurrou suas três pragas mais para o norte, para devastar o litoral centro-sul da Europa. As ilhas vizinhas da Sardenha e A Córsega implodiu com seu gênio vil, e dos doze navios mercantes que navegaram para Messina apenas para serem expulsos do porto, um terço acabou atracando no porto de Gênova. Assim como em Messina, os funcionários do porto genovês descobriram abruptamente que os navios carregavam a Peste e os mantiveram à distância com flechas em chamas antes de ordená-los a partir. A tripulação debilitada acatou a ordem de zarpar do porto, rumando para os portos de Marselha e Barcelona, mas não sem antes expulsar mais ratos doentes pelos cabos de amarração para os cais genoveses. Em poucos dias, a cidade inteira se transformou num túmulo fétido.

E quando parte da frota desmantelada chegou ao porto de Marselha, as autoridades permitiram que os navios contaminados permanecessem, desde que todos os navios e cargas fossem confiscados. Marinheiros e ratos infectados se espalharam pela cidade e, em menos de um mês, a *Doença de Diabolus* a consumiu. Para as vítimas que viviam nos espaços confinados de prisões e mosteiros, as estruturas muradas se tornaram verdadeiros tanques de putrefação, onde o número de mortos subiu para oito em cada dez — chegando até mesmo à aniquilação completa em alguns casos. A outrora movimentada cidade portuária de Marselha silenciou. Quinze mil homens, mulheres e crianças se transformaram em cinzas e pó.

No início de 1348, os últimos remanescentes da frota da Peste Negra chegaram sorrateiramente aos cais de Barcelona. Tal como em Marselha, as autoridades portuárias confiscaram os navios e permitiram a entrada da tripulação contaminada na cidade. Invariavelmente, todas as igrejas da cidade foram vítimas da peste constante. Filas de carroças puxadas por cavalos e suas cargas amontoadas de cadáveres. Como a maioria dos funcionários da cidade já estavam absortos em suas próprias maças negras, a ordem cívica rendida ao caos primordial. Em um exemplo notório, centenas de barceloneses, convencidos de que o mundo estava em sua hora final, congregaram-se nos cemitérios, divertindo-se com celebrações macabras e orgias regadas a álcool para marcar o Dia dos Mortos. Como um só povo, pecaram, morreram e apodreceram sobre os túmulos de parentes mais afortunados que escaparam da terrível pandemia morrendo antes de sua chegada. Sem espaço disponível nos cemitérios e sem padres vivos para consagrar mais terreno sagrado para sepultamentos, e com poucos homens dispostos a enterrar os mortos infectados, aqueles que recolhiam os cadáveres começaram a levar seus vagões para o oceano, deixando suas cargas volumosas entre os incontáveis corpos que

já se acumulavam na costa. A cada hora que passava, mais restos humanos eram lançados ao mar; e as brisas noturnas do interior da cidade tornavam-se tão fétidas que mesmo uma leve inspiração no ar noturno invariavelmente provocava náuseas agudas em todas as pessoas que ainda não haviam adoecido por outras causas. Em todas as direções, o ar, a terra e o mar estava coberto por uma decomposição imensuravelmente rançosa.

A peste avançou para o interior a partir das cidades portuárias italianas, devastando completamente as principais cidades de Pisa, Roma e Nápoles. Muitos moradores locais acreditavam que a culpa era de uma terrível profecia bíblica — que Deus estava irado com eles. E os mais instruídos especulavam que um forte terremoto era o responsável pela pandemia, já que o terremoto havia ocorrido apenas um ano antes e fora um abalo inesquecível que se estendeu por toda a península italiana, de Veneza a Nápoles. Acreditavam que, em seu rastro, vapores venenosos escaparam da terra e se espalharam pelas terras, sendo absorvidos pela pele. Como resultado, muitos moradores evitavam tarefas árduas que causassem suor ou qualquer abertura dos poros e da pele, enquanto outros se cobriam de urina na tentativa de se proteger dos supostos vapores letais. A maioria dos que não fugiram das cidades permaneceu em suas casas, evitando o contato com as centenas de cadáveres que enchiam as ruas. E aqueles que ousavam sair, faziam-no com a cabeça completamente coberta, deixando apenas uma fina fenda de pano sobre os olhos. Eles cobriam os rostos com buquês de flores e especiarias para mascarar os vapores da carne em decomposição e numa tentativa fútil de afastar o contágio onnipresente que agora pairava sobre toda a região.

Com a fuga em massa das cidades costeiras contaminadas e a conseqüente migração para o interior, a peste alastrou-se ainda mais pela Europa. Quando a monstruosidade chegou a Milão, seus habitantes agiram precipitadamente para identificar os infectados, sepultando famílias inteiras em suas casas e incendiando-as. Mesmo com o isolamento imediato da cidade pelas autoridades, Milão também sucumbiu.

Em Florença, as autoridades municipais não tiveram outra alternativa senão impor uma lei que silenciou o toque monótono dos sinos da igreja. Estabeleceram limites rigorosos para o número de pessoas em luto, permitindo a presença de apenas dois visitantes por sepultamento, o que possibilitava a movimentação adequada das numerosas equipes de coveiros nos cemitérios. À medida que a infecção se espalhava e os mortos se acumulavam nos cemitérios, a cidade recorreu ao sepultamento em valas comuns. Os coveiros empilhavam três ou mais corpos entre camadas espalhadas de terra.

Talvez os coveiros fossem os melhores administradores do tempo, marcando seus cronogramas pelos números que enterravam. Enquanto alguns trabalhadores cobriam os cadáveres nas valas, outros...

Escavaram as extremidades cada vez mais longas das valas. Durante semanas, o desfile da Morte continuou como o funcionamento confiável de um relógio. Carroças carregadas com dez ou vinte cadáveres chegavam às valas comuns a cada hora que passava. Por fim, as ruas mais movimentadas de Florença se transformaram em sulcos aparentemente intransitáveis de lama seca que não levavam a lugar nenhum, a não ser às *Valas da Morte*.

Pouco depois, Marselha sucumbiu, assim como Arles, e em seguida Avignon, sede do Palácio Papal e da Santa Sé. Com sua densa população de quarenta e oito mil habitantes vivendo dentro de suas muralhas, Avignon caiu mais rapidamente do que qualquer outra cidade. Pregadores do apocalipse enchiam as ruas, clamando para que todos se arrependessem. Em sua perversa adesão a um mal aparentemente inescapável, muitos deles reivindicavam como pontos de encontro religiosos as esquinas, que se tornaram seus púlpitos pessoais para compartilhar suas histórias e profecias sobre o fim da humanidade. Eles convocavam as massas em debandada e reuniam os enfermos para testemunharem seus sermões estrondosos, e assim suas profecias se tornaram realidade — os mais barulhentos deles produziram maçãs negras e silenciaram.

Em poucos meses e a uma taxa de quatrocentas mortes por dia, Avignon dizimou metade de sua população. Como os pregadores do apocalipse que bradavam nas esquinas, a maioria dos habitantes da cidade tinha certeza de que a ira de Deus havia caído sobre eles — que a Grande Peste era um castigo divino por seus estilos de vida babilônicos, por sua devassidão e pecado. Eles oraram, prometeram e imploraram. Contudo, o número de mortos continuava a aumentar. Desesperado, o Papa Clemente lançou seu óleo sagrado e consagrou todo o rio Ródano como terra santa; assim, com um rio caudaloso servindo agora como um local conveniente e sagrado para sepultamento, os coveiros de Avignon transportavam as vítimas da peste para o centro da Ponte de Saint Benezet e as atiravam do alto.

A poção profana de Lucifael também atingiu o coração da Santa Sé, e nove cardeais e metade dos padres de Avignon foram sepultados. Contudo, a pestilência não conseguiu tirar a vida do Santo Padre eleito na Terra, pois o Papa Clemente fugiu do Palácio Papal sob o manto da escuridão, protegido por sua secreta equipe de guardas e médicos. Os dignitários moribundos e a nobreza doente, que se agarraram ao palácio, permaneceram no local. Os sacerdotes que chegaram aos portões imploraram pela absolvição pontifícia e pelos últimos sacramentos de Clemente, sem saber que ele havia abandonado a cidade vários dias antes. E quando descobriram que ele havia escapado, disseram-lhes que ele havia se mudado para a cidade de Valence, no norte, mas na verdade, Clemente... Ele se isolou na remota e distante vila alpina de Grenoble, instalando-se entre duas lareiras sempre acesas e em um círculo de médicos seletos liderados por Guy de Chauliac. Além de sua habilidade em guardar segredos dentro do papado, ele era um profissional habilidoso.

Médico e predileto pessoal de Clemente — um renomado médico francês que tratava rotineiramente Clemente e vários de seus cardeais. Com suas necessidades imediatas atendidas, Clemente governava a Santa Sé remotamente por meio de correspondência escrita ao Cardeal Firmo, que permanecia no Palácio Papal para fazer cumprir os mandatos do Papa .

A primavera chegou prematuramente em 1348, trazendo consigo um verão escaldante e uma onda de mortes. Paris sucumbiu rapidamente à Peste Negra, que deixou mais de oitocentos cadáveres por dia e impregnou o ar num raio de quase dezesseis quilômetros com um odor fétido e incessante. Tal como o Papa Clemente, o Rei Filipe refugiou-se, revelando o seu verdadeiro paradeiro apenas a alguns dos seus associados mais próximos. O Capitão Bourne, então responsável pelas novas fileiras da Guarda Real, era um deles. Tal como Guy de Chauliac gozava de grande confiança no Palácio Papal e nas suas fileiras pontifícias, Bourne também era um homem de confiança dentro dos muros do palácio do Rei Filipe .

Após o declínio e a queda de Paris, as principais cidades francesas de Lyon, Bordéus, Orléans e Reims também entraram em colapso, e com elas, a realeza e a liderança ruíram. Vassalos do rei e gerações inteiras da nobreza jaziam amontoados em valas comuns, e seus servos destituídos eram deixados para apodrecer à beira das estradas. Nem vielas nem rios estavam livres de cadáveres, e todo tipo de embarcação sem tripulação vagava sem rumo pelos cursos d'água. Especialmente após chuvas torrenciais, centenas de corpos inchados flutuavam rio abaixo, cadáveres tão densamente emaranhados que formavam ilhas flutuantes de carne. Como halos de morte, anéis brancos de espuma circundavam os montes enegrecidos, e sobre muitas dessas jangadas de cadáveres navegavam pássaros brancos de pernas compridas, estalando seus bicos em direção à abundância de matéria orgânica. insetos que as flotilhas rançosas forneciam. A morte usou muitos métodos para sua propagação constante.

Perto da cidade de Bordéus, os pilares estreitos da movimentada Ponte Duguate erguiam-se como uma rede de captura de cadáveres, acumulando os restos mortais encharcados de pessoas, ovelhas, bois e cavalos contra seus alicerces. Os olhos dos viajantes que ousavam atravessar a ponte permaneciam baixos, queimados pelos vapores da espuma fervente abaixo. A maioria dos animais que se aproximavam da ponte resistia à travessia do rio, temendo serem impelidos à força, e muitos deles não chegavam ao outro lado antes de saltarem para o lado a montante , enredando-se na massa fermentada abaixo e tornando-se combustível adicional para a espuma. Estradas e rios, vilas e cidades, reis e reinos — a terra estava morrendo. De seus vapores pútridos e ascendentes, até os céus mais altos exalavam um odor fétido.

E Lucifael gargalhou o tempo todo com tudo o que ela havia feito.

[Fim do Capítulo 11]



Esta obra literária foi criada e exclusivamente em dedicação de

Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~